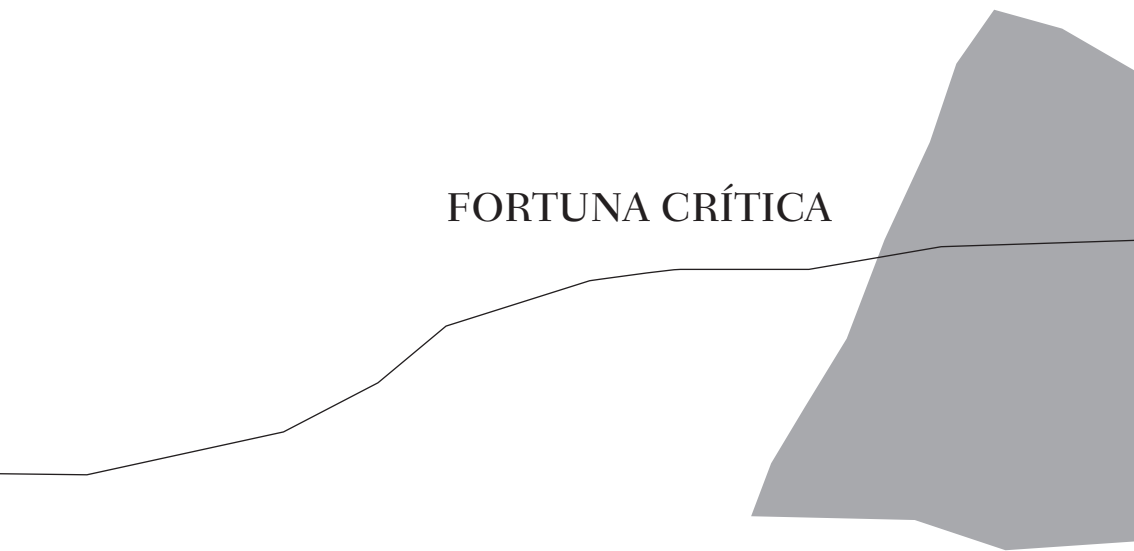


FORTUNA CRÍTICA



ALÉM DA IMAGEM DAS COISAS³⁷

Darcy Damasceno

A poesia brasileira da década de 1930-40 viu estranhamente coincidirem duas tendências: uma, decorrente da renovação modernista, superava por essa época o equívoco de se elevar o pitoresco a categoria poética e procurava conciliar lirismo e modernidade; outra, engrossada por numerosos autores de recente passado neossimbolista, combinava às novas conquistas formais certa modalidade temática de inspiração europeia, se a buscamos em suas origens mais fundas.

À segunda tendência pertenceram vozes das mais altas já surgidas em nosso lirismo. Calaram-se algumas; outras, como Henriqueta Lisboa, foram num crescendo de purificação, despojando-se de traços comuns, mas guardando, em sua individualidade, o essencial daquela feição primeira.

A exteriorização da monotonia, a religiosidade, o tom brumoso a que servia um vocabulário típico; o verso livre, ora arritmico, ora resultante de justaposições métricas; a carga sintática posta na construção da estrofe – eis alguns dos aspectos da proveniência neossimbolística de Henriqueta Lisboa, evidentes em *Velário* ou em *A prisio-neira da noite*, por exemplo. Posteriormente, esse lastro se projetará em *A face lívida* ou em *Flor da morte*, marcado sobretudo pelo verso

37 In: LISBOA, Henriqueta. *Nova lírica*: poemas selecionados. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1971.

arrítmico e pela reiteração de certos motivos, como a religião ou a morte. A evolução formal – utilização do ritmo breve em combinações assimétricas – e o alargamento da visão poética são os pontos mais altos a que forçosamente deveria ascender poesia de tão nobre estirpe: *Azul profundo* é sua melhor expressão. Alcança esse livro, mais que qualquer outro, o sinete da universalidade, caracterizando-se pelo desdobramento da temática, que transcende o íntimo do poeta, supera seus motivos restritos e chega enfim ao descortino do mundo.

Atingida essa visão circular do universo, debruça-se então o poeta sobre as coisas, fixa-se nos objetos, busca-lhes a causa por trás da imagem e o ritmo que os governa. Por trás da seiva o matiz, a energia oceânica por trás do fluxo e refluxo das águas, por trás dos indícios amorosos o sentimento do amor.

Seria preciso remontar a estágios anteriores de sua poesia para ver-se como a visão que do universo tem Henriqueta Lisboa se distingue por uma constante perscrutação dos objetos, procurando vê-los, por dentro, em escondido e ininterrupto labor. Em “Rosa Príncipe Negro” de *Flor da morte*:

Que anjos de moura estirpe resguardaram
tuas formas no escuro?
Que Saara adensou
tua seiva?
Que coluna susteve
teu longo talhe débil contra os ventos
para que teu resplendor de sùmula
fosse – ancestral – de treva ao sol?

Em “Contemplação” (*Azul profundo*), onde a forma tangível de uma ânfora é ponto de partida para uma sequência de oito indagações:

Mas ó donaire,
caçoila rara, flor de lua,
que segredo insufiou
teu assomo, que sonho
nas tuas curvas paira,
.....?

A mente inquisidora está em “Rosas” (“Ó surpresa! Ó rosas! / De que reino viestes? / De que vívida aurora / transparente e secreta, / vos nasceram no talo / uma por uma as pétalas, /?”), está em “As imagens” e chega finalmente àquele raro momento de criação poética em língua portuguesa, que é “A joia” (“De que neve nasceu, à luz / de que lua polar, de que polidas / superfícies da morte?”).

Esse debruçar-se sobre as coisas, o ver a vida em segredo, a ânsia de apreensão do ritmo latente haveriam de constituir a essência de *Além da imagem* não lhe valesse o título. O comportamento está nas peças mais significativas do livro, já quanto ao tema (a sondagem, o mergulho vertical), já quanto à técnica inquisitiva, em que o espírito avança, sôfrego, insatisfeito, arritmicamente. A ânsia de conhecer, de encontrar respostas reflete-se na própria estrutura do verso, que se fragmenta, encurta ou se alonga, conformando aquela estrofe, típica de Henriqueta Lisboa, que aparenta um constante debater-se – a mobilidade de um bicho:

Que matiz sobre tela, que madeira
com seus nobres entalhes, ou que pedra
lavrada a escopro conservara
pelas efluências da beleza
o puro ato materno?

À observação da autora não escapa, obviamente, o ser humano. Uma série de estudos começados em *Azul profundo* com “Do idiota”, “Do mutilado”, “Do cego” (“Para mim o mais triste / não é ver-te nos olhos / esse toldo de névoa / que te veda o espetáculo. / Porém a tua inépcia, a inépcia / com que descuras o espetáculo”), “Do surdo”, “Do hipócrita” (“... é um gato / contornando porcelanas. É um elfo / esquivando-se à esgrima.”), “Do louco”, “Do poeta”, arremata-se, em *Além da imagem*, com “Assim é o medo” (“Da sombra espreita / à espera de algo / que o alente. / Não age: tenta / porém recua / a qualquer bulha.”)

Tema que aprofunda raízes nos primeiros livros é o do voto à perfeição, que se constitui, afinal, numa profissão de fé. Alia-se, em Henriqueta Lisboa, à renúncia e à solidão, tendo exemplos em “Plenitude” (*Azul profundo*):

A coroa. A rosa.
A palavra amor.
Tudo o que de belo,
suave e forte, fere
o espírito, os sentidos
e o coração. Perfeito.

E em “Opção” (*Além da imagem*):

Pelo diadema completo:
pela rosa e pelo orvalho.

De coração ledó e pronto
por esse reino carrego
peso de pedra nos ombros.

A ideia (ou sentimento, se o queremos) da condição do poeta cifra-se, misto de orgulho e timidez, na aspiração a um destino marcado: o sinete, o destino e o fastígio da árvore (“Condição”, “Árvore”, etc.).

A fruição sonora (veja-se especialmente a primeira estrofe de “As coleções”) oscila às vezes para o ludismo linguístico, que, se não imprime relevo maior à poética de Henriqueta Lisboa, nem por isso deixa de ser um dos traços por se estudar na personalidade da autora. Efeitos sonoros e visuais de puro jogo, o gosto do improvisto estão em peças como “Adeus à lua”, “Cantiga de Vila Bela”, “O timbre”, “Os anjos negros”...

Acrescente-se por fim a essa poesia certo prosaísmo intencional, espécie de escudo da sensibilidade de Henriqueta Lisboa, que está já em palavras, já em frases. Aquelas chegam a quebrar repentinamente um complexo lírico:

De espinhos (ou da própria ardência)
brotou o sangue dessa rosa
que os escarros orvalham.

Sintaticamente, o maior exemplo é o final de “Condição”, onde, no arrastado rítmico, interfere de súbito o enunciado prosaico do penúltimo verso:

de acervo assim com sombras confuso
trabalhas o mapa de uma viagem sem rumo
ou seja – e mais acintosamente –
um doce tálamo para a morte.

Interferência gramatical, na expressão explicativa (“ou seja”) e psicológica, na consciente escolha do advérbio intensificado (“mais acintosamente”). É como se a força criadora do poeta se sobrepuhasse à própria e agressiva timidez, a estrofe se resolve liricamente, num eneassílabo que flui, como que perpetuamente:

num doce tálamo para a morte.